

Sonora Brasil

A MÚSICA

dos povos originários do Brasil

EDIÇÃO 2021



Sesc | Serviço Social do Comércio
Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

Departamento Nacional
Direção-Geral
José Carlos Cirilo (interino)

Curadoria
Seleção realizada por todos os Departamentos
Regionais e o Departamento Nacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Cereida Cezar Giesteira – CRB-7/3921)

Sesc. Departamento Nacional.
A música dos povos originários do Brasil [recurso eletrônico] / Sesc. Departamento Nacional. – Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2021.
1 recurso eletrônico (21.800 Kb).

Suporte: E-book.
Formato: pdf.
ISBN 978-65-86695-22-9.

1. Projeto Sonora Brasil. 2. Música - Brasil - Índios da América do Sul. 3. Cultura popular - Brasil. 4. Música - Brasil. I. Título.

CDD – 780.89

©Sesc Departamento Nacional, 2021
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n. 9.610/1998.

Distribuição gratuita.
Telefone: (21) 2136-5555
www.sesc.com.br



Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional

A MÚSICA

dos povos originários do Brasil

EDIÇÃO 2021



Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2021

SUMÁRIO

- 4** **Apresentação**
- 6** **A música dos povos originários do Brasil**
- 8** A miscigenação do Gambá de Maués | Povo Sateré-Mawé
- 10** A música do povo “Waurá” | Povo Waurá
- 12** Banda Kaymuan | Povo Tupinikim da Aldeia de Caieiras Velha
- 14** Bari Bay - Caminho do Sol | Mapu Huni Kuin e seus irmãos
- 16** Coral do Grupo Guarani Mbyá | Aldeia Mata Verde Bonita | Tekoa Ka’ Aguy Ovy Porã
- 18** Coral Guarani | Aldeia Araponga
- 20** Grupo Increr | Povo Krahô Centro Cultural Kâjre | Aldeia Pedra Branca
- 22** Grupo Kruviana
- 24** Grupo Memória Fulni-ô | Povo Fulni-ô
- 26** Grupo Pintados do Tamariná | Povo Xokó
- 28** Grupo Wagôh Pakob | Povo Paiter Surui | Terra Indígena Sete de Setembro
- 30** Grupo Dzubucuá | Povo Kariri-Xocó
- 32** Grupo Nóg Gã | Povo Kaingang
- 34** Grupo Teko Guarani | Povo Mbyá-Guarani | Aldeia Tekoa Anhetenguá
- 36** Kaê Guajajara e Kandu Puri
- 38** Maxakalis | Povo Maxakali
- 40** Oz Guarani e Coral TI Jaraguá | Povo Guarani | Terra Indígena
- 42** Pataxós | Povo Pataxó | Aldeia da Jaqueira
- 44** Povo Tremembé de Almofala
- 46** Povos Potiguara | Aldeia Forte



Apresentação

O Sonora Brasil é uma ação que tem o objetivo de apresentar ao público brasileiro as mais diversas manifestações culturais do país. Por meio de apresentações musicais acústicas e comentadas, são mapeadas desde manifestações culturais de territórios isolados e interiorizados até novas experiências contemporâneas de fruição musical, ampliando assim a percepção sobre as pluralidades que constituem identidades e diferenças étnico-culturais no Brasil. Estéticas e narrativas que historicamente são colocadas à margem dos processos de difusão musicais pautam a elaboração, a curadoria e a realização do Sonora Brasil, resultado da ação integrada entre o Departamento Nacional e os Departamentos Regionais do Sesc, por meio da Rede Sesc de Música, que envolve todo o corpo técnico da área de Música da instituição. Isso aprofunda os processos de discussão, pesquisa e produção, que colaboram para o conjunto de ações realizadas pelo Sesc para o desenvolvimento cultural e artístico do país. Em 2021, em decorrência da necessidade de distanciamento social, as apresentações e as ações formativas que compõe o projeto ocorrem integralmente por meio digital, com a participação de cerca de 100 compositoras e 20 etnias indígenas de 21 estados brasileiros e do Distrito Federal. Destaque para outro aspecto fundamental do Sonora Brasil, que é o olhar, a escuta e a valorização das territorialidades, da diversidade e das memórias, mediante a expressão de seus autores e intérpretes.

A música dos povos originários do Brasil

Sobre os povos originários do Brasil, estima-se que, na época da chegada dos europeus, fossem mais de mil etnias, somando entre dois e quatro milhões de pessoas; apesar desses números, durante muito tempo foi atribuído a eles um papel secundário na construção da identidade nacional, sendo vistos como vítimas de um processo assimilador que os fez perder suas identidades e desaparecer na história. As novas perspectivas sobre identidade cultural nos obrigam a rever estereótipos e desconstruir a visão essencialista de “índio”, que deve ser reconhecido como agente real e atuante da pluralidade cultural brasileira. As manifestações musicais dos povos indígenas cumprem um papel social e ritualístico e precisam ser consideradas em um contexto amplo dos costumes, dos ritos e das festas, indissociadas dos componentes espaciais, temporais, gestuais e interpretativos. O tema *A música dos povos originários do Brasil* será apresentado por grupos preferencialmente tradicionais com o objetivo de mostrar a diversidade musical e estética dos povos indígenas e apresentar exemplos musicais com base em suas vivências cotidianas e ritualísticas, mas pode também destacar novas perspectivas artísticas e sonoras de representação indígena.



A miscigenação do Gambá de Maués | Povo Sateré-Mawé

Maués | AM

O grupo é formado por pesquisadores-músicos e instrumentistas de Maués (Amazonas). Seus trabalhos envolvem pesquisa sobre a diversidade musical e a estética do gênero gambá, presente nas festividades de algumas manifestações culturais do Norte e transmitida pelos descendentes do povo Sateré-Mawé. Gambá também é o nome dado ao principal instrumento usado nesse gênero, da família dos tambores afro-amazônicos, e é construído a partir do tronco de uma árvore escavada onde, em uma das extremidades, é colocada uma membrana. O ritmo também é acompanhado pelo tamborinho e caracaxá, construído de tronco de árvore e bambu, respectivamente. O grupo desenvolverá um repertório a partir de novas perspectivas artísticas e de sonoridade de representação indígena e a miscigenação amazônica. É formado por **Rafha Mendonza**, músico, produtor e pesquisador, que atua em diversas produções culturais independentes e projetos musicais, com imersões na Argentina e na Colômbia. **Tércio Macambira**, músico e pesquisador, que atualmente lidera o Maroaga, grupo musical que difunde as cantigas de gambá, gênero musical incidente em algumas manifestações de vários municípios da região Norte, inclusive a cidade de Maués.

Produzido pelo Sesc Amazonas



Rafha Mendonza. Foto: Lucas Santos.

A música do povo “Waurá” | Povo Waurá

Xingu | MT

O Sesc Mato Grosso, por intermédio do projeto Sonora Brasil, retrata os cantos do povo Waurá, da região do Parque Indígena do Xingu. O povo indígena “Waurá” ou “Wauja” habita a margem direita do rio Batovi, próximo à lagoa Piyulaga, na região do alto do Parque Indígena do Xingu. Sua música ritual se destaca por contar histórias, sejam sobre os fatos do cotidiano, encontros com outros povos ou de memórias transmitidas por gerações, em momentos onde os animais eram humanos e falavam. Eles possuem um vasto repertório musical, pois cada ritual tem uma série de canções próprias. Destaca-se a utilização de flautas que acompanham os cantos. Para os Waurá, a música está intimamente ligada à noção de alegria.

Produzido pelo Sesc Mato Grosso



Foto: Antônio Carlos Banavita



Banda Kaymuan | Povo Tupinikim da Aldeia de Caieiras Velha

Aracruz | ES

A banda Kaymuan surgiu no ano de 2003, utilizando tambores e casaca misturados a outros instrumentos, formada por cinco integrantes indígenas do povo Tupinikim da Aldeia de Caieiras Velha, de Aracruz, estado do Espírito Santo. Único município capixaba que possui indígenas aldeados com duas etnias: Tupinikim e Guarani. Os Tupinikins remanescentes do município de Aracruz, devido à redução de sua população original e miscigenação do seu povo entre descendentes de europeus e africanos, perderam algumas de suas características, porém mantiveram os grupos como referência da sua cultura. A validação biológica de sua origem os torna, ao lado dos Tupinambás, da Bahia, e dos Potiguaras, da Paraíba, os únicos representantes vivos dos povos Tupis que habitavam o litoral quando os europeus aportaram nas terras do futuro Brasil. Nesta apresentação para o Sonora Brasil 2021, a banda Kaymuan representa, por meio de instrumentos, ritmos e gestos, o congo do Espírito Santo, enraizado na cultura da Aldeia Caieiras Velha, e tem como objetivo principal levar a cultura e a identidade indígena do povo Tupinikim de Aracruz para todo o país através da música e de suas manifestações. Com canções na língua Tupi, que muito contribui para o resgate da identidade cultural indígena, a banda utiliza tambores, casacas, chocalhos e pau de chuva com todo encanto e a magia cantada no Tupi, além de letras fortes e marcantes que contam sobre as lutas, os amores e as crenças, que evidenciam a identidade musical dos indígenas de Caieiras Velha. Grupo composto por **Adam Benedito, Adriano Pajehú, Natan Pêgo, Ramones Souza, e Dirlan Leal**. Participação do Grupo de Jovens Guerreiros da Aldeia. Participação do historiador Ka'arondara Jocelino Tupinikim.

Produzido pelo Sesc Espírito Santo



Foto: Danto Freitas Macedo

Bari Bay - Caminho do Sol I Mapu Huni Kuin e seus irmãos

Acre

Grupo formado por **Mapu Huni Kuin e seus irmãos**, todos originários do rio Breu, fronteira do Acre com o Peru. Mapu também é liderança nas políticas e na luta indígena, e viaja constantemente para a Europa e os Estados Unidos a fim de apresentar seu trabalho musical como compositor e também para demonstrar seu ativismo em palestras e conferências.

Produzido pelo Sesc Acre



Foto: Alberto Alvares

Coral do Grupo Guarani Mbyá | Aldeia Mata Verde Bonita | Tekoa Ka' Aguy Ovy Porã

Maricá | RJ

Amarildo, coordenador do grupo Coral Guarani, recorda que o seu povo veio de Paraty em 2006, antes de passarem pelo município de Niterói, até se estabelecerem em Maricá. Mas, passados esses anos, ainda hoje este território indígena não é regulamentado ou demarcado. A aldeia está localizada em São José do Imbassaí, no município de Maricá. É uma das oito comunidades Guaranis no estado do Rio de Janeiro, na qual moram 39 famílias, cerca de 150 pessoas. A língua materna é a variedade Mbyá-Guarani, idioma indígena do tronco Tupi-Guarani. Para melhor associação e entendimentos do universo das duas línguas, língua Tupi-Guarani e língua Portuguesa, são trabalhadas as histórias e as canções indígenas, que são parte fundamental para construção da identidade.

O coral é formado por crianças e jovens: o grupo canta canções de exaltação à natureza, cantos sagrados que trazem a força, celebram a vida e as tradições do povo Guarani. O grupo é parte indispensável para manter e celebrar as origens e tradições, uma vez que o canto é uma reza e é a forma mais eficaz do aprendizado da língua e da cosmovisão Guarani. Segundo Miguel Mirim: “A aldeia passa a língua e a força da tradição e a força da cultura indígena às novas gerações.” Muitos dos cantos são sagrados e somente realizados em cerimônias reservadas aos membros da aldeia. Mas há também cantos que podem ser apresentados a não indígenas. A apresentação do coral contará vinte crianças e jovens. No repertório do concerto serão apresentados os cantos de celebração não cerimonial, com os quais o público poderá conhecer mais a Língua, os Saberes, as Tradições, a Arte e a Cultura Guaranis presentes no estado do Rio de Janeiro.

Produzido pelo Sesc Rio de Janeiro

Coral Guarani | Aldeia Araponga

Paraty | RJ

O Coral Indígena Guarani tem lugar na Tekoa Guyra'i Tapu, também conhecida como aldeia Guarani Mbyá Araponga, território de 213,20 hectares, próxima ao município de Paraty, Rio de Janeiro. O coral foi fundado em 1974 e atualmente é coordenado por Nino, filho do cacique Agostinho, o Kara'i Tataendy Oka. O Coral Guarani traz a música, as palavras e os saberes de homens e mulheres cujas vidas se desenvolvem em íntima relação com o território – aqueles que chegaram antes e permanecem na terra, em sintonia com Nhanderu, começo, meio e fim.

Produzido pelo Polo Sociocultural Sesc Paraty



Grupo Incerer | Povo Krahô Centro Cultural Kàjre | Aldeia Pedra Branca

Aldeia Pedra Branca | TO

Foto: Luiz Izidoro



O grupo Incerer é formado por cantores e cantoras da aldeia Pedra Branca, etnia Krahô, localizada no nordeste do Tocantins, próxima aos municípios de Goiatins e Itacajá, e representado pelo Centro Cultural Kàjre, a associação da aldeia. Os Krahô são um povo Timbira, falante dessa língua, e possuem como uma característica forte a potência de sua música, aprendida dos animais, plantas e entidades da natureza. Há vários contextos e formatos em que se cantam, a capela ou com o acompanhamento do maracá. Na apresentação para o Sonora foram selecionadas uma pequena parte desse universo musical, haja vista que várias cantigas só poderiam ser performadas em seus próprios contextos tradicionais. O grupo Incerer é formado por **Balbino Pacajhê**, **Martins Zezinho Ihkrehôtât**, **Ana Batista Tehtyc**, **Santa Côhtyc**, **Izaura Jâtgãj**, **Maria Cahhykwýj** e **Cristina Pryrê**.

Produzido pelo Sesc Tocantins

Grupo Kruviana

Boa Vista | RR

Foto: Levi Damasceno



Eserenka epu'tîto moropai epantonkon makunaimî pata' poro

O grupo Kruviana é composto por indígenas dos povos Makuxi e Wapichana, de diversas comunidades indígenas de Roraima, conhecidos como povos guerreiros, de cosmologia marcada na língua materna, mantendo conexão com a natureza. As línguas Makuxi e Wapichana pertencem respectivamente aos troncos linguísticos Karib e Aruak. Seu repertório é formado por composições autorais e cantos tradicionais. As composições autorais narram histórias dos povos, vivências nas rodas de parixara, tukui e arereuya' e a relação com a natureza. O grupo Kruviana utiliza sua música como instrumento político de afirmação da identidade e da defesa dos direitos indígenas. É formado por **Cristian Alves, Dalísneto Alexandre, Done Karapiá, Eduardo Rodrigues, Emerson Tukui, Márcio Kapoi e Valmik Mota**. A apresentação Kruviana no Sonora Brasil começará entoando cantos tradicionais de recepção e de agradecimento, criando uma atmosfera mística. O grupo apresentará, por meio de suas músicas, letras que valorizam e divulgam a cultura indígena com temas retratando suas vivências nas comunidades, conexão com a natureza, conhecimento tradicional, ritual de caça e de trançados e manifesto contra o racismo.

Produzido pelo Sesc Roraima

Grupo Memória Fulni-ô | Povo Fulni-ô

Águas Belas | PE

Atualmente habita o município de Águas Belas, situado no sertão de Pernambuco. Os Fulni-ô, conhecidos historicamente como Carijós, são o único povo indígena do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathe. Um dos seus principais ritos, o Ouricuri, atualmente é realizado de maneira sigilosa, nos meses de setembro a outubro, restrito apenas aos iniciados, garantindo a salvaguarda de seus costumes. O grupo é formado por **Txa Fulni-ô, Txale Fulni-ô, Kafytxo Fulni-ô, Fekhya Fulni-ô e Tafhia Fulni-ô**. As músicas tradicionais do povo fulni-ô são o Toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, cântico coletivo vocalizado sem letra, sendo o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que, segundo seus praticantes, é o mais antigo dos Fulni-ô. O ritual afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas ou unakesa são manifestações que envolvem dança e música com letras cantadas em Yaathe, que abordam temas como preservação da natureza, reverência aos animais da região e identidade indígena. Nas cafurnas são utilizados como instrumentos maracás de mão e de tornozelo.

Produzido pelo Sesc Pernambuco

Foto: Amazonir Fulni-ô



Grupo Pintados do Tamariná | Povo Xokó

Porto da Folha | SE

O grupo Pintados do Tamariná é formado por indígenas do povo Xokó, que vive às margens do rio São Francisco, no município de Porto da Folha, em Sergipe. O grupo não tem componentes fixos, ou seja, qualquer Xokó pode ser parte da composição, basta assim, apresentar interesse e disponibilidade em participar. Sua inspiração, bem como de todos os indígenas Xokó, acontece pelo ritual do Ouricuri, realizado mensalmente na Mata Sagrada Xokó, onde os guerreiros e guerreiras recebem inspiração divina para a composição dos cantos sagrados do Toré, bem como para a confecção de vestes e pinturas corporais. Atualmente é formado por **Lucimário Apolonio Lima (cacique Bã), Denisson Silva dos Santos, Anisio Apolonio Lima, Antônio Neto Acácio Medeiros, Deivid Rosa Lima, Ramon Santos Rodrigues, Felipe de Souza Silva, Anderson Acácio dos Santos Silva, Alan Sérgio Lima Silva, Yatan Apolonio Lima, Cristiano Apolonio Lima, Mayane Ramos dos Santos, Daniely Silva dos Santos Lima, Joseane Acácio dos Santos, Mateus dos Santos Medeiros, Thawã Raell dos Santos Lima e Everton Daniel Lima Santos.**

Produzido pelo Sesc Sergipe



Foto: Marcus Vinicius Lima Medeiros

Grupo Wagôh Pakob | Povo Paiter Surui | Terra Indígena Sete de Setembro

Cacoal | RO

Foto: Douglas Mosh



Os Paiter Surui vivem em Rondônia, na terra indígena Sete de Setembro e se dividem em 27 aldeias localizadas pelas “linhas” onde estão situadas. Atualmente contam com uma população de cerca de 1.500 pessoas pertencentes às quatro linhagens clônicas. O termo Surui é exógeno, o povo se autodenomina Paiter, que significa “gente de verdade, nós mesmos” e a língua falada é Mondé, da família linguística Tupi. O contato oficial com os não indígenas se deu apenas em 1969 e trouxe profundas mudanças sociais além de uma grande baixa demográfica. São conhecidos como um povo cantor que também gosta muito de contar histórias. As canções tradicionais, relacionadas a rituais, relatam narrativas míticas e relembram momentos da história dos Paiter ou retratam tarefas do cotidiano. Os Paiter têm canções que são atribuídas à criação individual e cantadas somente por seus criadores. Os Paiter utilizam michângab (maracás de tornozelo) e os wãab (espécie de flautas), instrumentos de sopro.

Produzido pelo Sesc Rondônia

Grupo Dzubucuá | Povo Kariri-Xocó

Porto Real do Colégio | AL

Dzubucuá é o nome da língua oficial do povo Kariri-Xocó que vive na região do Baixo São Francisco, em Alagoas. A denominação Kariri-Xocó foi adotada como consequência da fusão, ocorrida há cerca de cem anos, entre os Kariri de Porto Real de Colégio e parte dos Xokó da ilha fluvial sergipana de São Pedro. O grupo tem sua identidade étnica e o sentimento de pertencimento fortemente ligados à participação, desde a infância no ritual Ouricuri, que é aquilo que dá sentido à terra, à família, à identidade, à chefia, enquanto princípio organizador. A música tradicional dos Kariri-Xocó, como em todos os povos indígenas do Nordeste, o Toré é um ritual indígena mágico-espiritual que envolve performance corporal e música. Nos torés do Kariri-Xocó são utilizados os buzos (espécie de flauta), maracás de mão e de tornozelos. As letras, quando existentes, geralmente são em português e carregadas de simbolismos que nos possibilitam conhecer um pouco da história do povo ao falar do cotidiano dos indígenas nas colheitas ou nos dias atuais, ou trazer sincretismos religiosos e remeter ao tempo da colonização quando eram obrigados a praticar os rituais em segredo. Grupo formado por **Yachy Koran Kariri-Xocó, Takawã Kariri-Xocó, Ryakonã Kariri-Xocó, Yrapanan Kariri-Xocó, Yranai Kariri-Xocó, Tukuna Kariri-Xocó, Walêtxwa Kariri-Xocó e Kruyneré Kariri-Xocó.**

Produzido pelo Sesc Alagoas



Foto: Pitawã

Grupo Nóg Gã | Povo Kaingang

São Leopoldo | RS

Por meio de pinturas corporais, utilizando linhas e/ou formas circulares, é possível identificar os kamé (marcas compridas) e os kairú (marcas arredondadas). Esta distinção definirá as formas de relacionamentos e contato entre as duas partes. Os Kaingang possuem característica aguerrida e seus ritos envolvem a realização de movimentos coreografados e um contexto musical cíclico. A língua Kaingang pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. O grupo Nóg Gã é formado por **Gilson Ferreira, Nilceu dos Santos, Darlei Pedro, Alvaro de Paula e Jose Vergueiro**, indígenas de diversas aldeias Kaingang da região de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Durante a exibição no Sonora Brasil, os Kaingang representarão, por meio de suas músicas e seus gestos, os processos de guerras e conquistas. As lanças de guerra em contato com o chão tornam-se instrumentos percussivos e embasam ritmicamente as marcas coreográficas.

Produzido pelo Sesc Rio Grande do Sul



Foto: Igor Rosa Grosz

Grupo Teko Guarani | Povo Mbyá-Guarani | Aldeia Tekoa Anhetenguá

Porto Alegre | RS

O grupo Teko Guarani está localizado na aldeia Tekoa Anhetenguá na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, onde vivem 35 famílias Mbyá-Guarani. No Rio Grande do Sul, desde 1996, as terras Mbyá foram reivindicadas em um processo no qual o cacique José Cirilo teve papel determinante. Os Guarani estão entre os primeiros povos a estabelecer contato com os europeus. Muitos foram catequizados pelos missionários portugueses e pelos colonizadores espanhóis. Apesar disso, o povo Guarani conseguiu preservar muito de suas tradições e seus rituais religiosos. Os modos de vida Mbyá-Guarani possuem relação direta com a natureza. Pertencentes ao tronco linguístico Tupi-Guarani, consideram a palavra uma forma de comunicação sagrada. As canções entoadas (mborái) pelos corais infantojuvenis expressam seus pensamentos e servem no processo de meditação, relatando a importância da manutenção das características do olhar Guarani e das suas conexões com os territórios e divindades. É pela música que líderes espirituais guiam seus povos e realizam a comunicação mais profunda com Nhanderú (nosso pai/Sol). Teko Guarani é um coral infantojuvenil que tem por característica a força e o brilho vocal. Utilizam o mbaraká (violão), o ravé (violino/rabeca), o mbaraká miri (chocalho) e o angúá pú (tambor).

Produzido pelo Sesc Rio Grande do Sul

Foto: Igor Rosa Grosz



Kaê Guajajara e Kandu Puri

Rio de Janeiro | RJ

O duo composto por **Kaê Guajajara** e **Kandu Puri** traz em seu repertório rimas de protesto que retratam um presente de fúria e o passado de glória dos povos originários, e que denunciam por meio da música o racismo sofrido pelos povos indígenas. **Kaê Guajajara** é indígena do povo Guajajara, mãe, rapper, cantora, compositora, arte educadora, atriz e escritora do livro *Descomplicando com Kaê Guajajara – O que você precisa saber sobre os povos originários e como ajudar na luta antirracista*. Atua em escolas e eventos não indígenas, levando conscientização sobre o momento atual dos povos originários e denunciando o genocídio que acontece há mais de 520 anos. Kaê utiliza sua voz para conscientizar sobre racismo, preconceito, invisibilidade dos povos originários e remete à reflexão de quem são os verdadeiros originários dessa terra. **Kandu Puri** é artista indígena do povo Puri, do grupo Teyxokawa. Traz no rap a visibilidade para o idioma de seu povo, o Kwaytikindo, bem como para a existência, a resistência e os desafios de indígenas que vivem nas favelas do Rio de Janeiro, ao combater a visão colonial que considera apenas a presença indígena de forma isolada na floresta ou no passado distante.

Produzido pelo Polo Educacional Sesc



Kaê Guajajara. Foto: Thamyres Andrade



Kandu Puri. Foto: Ariel Timbohyba

Maxakalis | Povo Maxakali

Ladainha | MG

Foto: Divulgação



Os Tikmũ'ũn, mais conhecidos como Maxakalis, são povos falantes da língua Maxakali, pertencente à família Maxakali, classificada no tronco linguístico Macro-Jê, a única hoje falada entre as demais línguas que compunham esta família, como Makoni, Kopoxó, Koropó, Malali, Kumanaxó, Kutaxó, Paname, Makuni, Kopoxó, Pirixu etc. Somam quase 2.500 pessoas, distribuídas em três pequenas terras indígenas situadas ao extremo nordeste de Minas Gerais. Os Maxakalis apresentam seus cantos na língua nativa, vivenciados nos diferentes espaços da aldeia. Por meio dos cantos, falam de seus conhecimentos sobre a vida, de maneira ampla e plural. São instrumentos de propagação de conhecimentos ancestrais transmitidos pela tradição oral.

Produzido pelo Sesc Minas Gerais

Oz Guarani e Coral TI Jaraguá | Povo Guarani | Terra Indígena

Jaraguá | SP

Foto: Acervo pessoal



Foto: Ana Flavia

Fundado em 2014, o grupo de rap indígena Oz Guarani é formado por jovens M'byá residentes da Tekoa Pyau, Terra Indígena Jaraguá em São Paulo. Seu trabalho artístico é como um afluente da luta indígena, uma vez que imprime denúncia das condições a que a população indígena é submetida ante os enfrentamentos, ações, propostas e leis anti-indigenistas sofridas em 521 anos de resistência. Artistas contemporâneos, buscam articular, num só tempo, o passado e o presente. Assim, procuram valorizar suas tradições e a estética musical indígena, agregados ao manifesto da sonoridade do rap. Nesta apresentação inédita executam, em formato acústico acompanhados do Coral Guarani de sua aldeia, seu trabalho autoral, cujas referências mesclam o rap e a música ritual de seu povo, sobretudo cânticos de cura.

Produzido pelo Sesc São Paulo

Pataxós | Povo Pataxó | Aldeia da Jaqueira

Porto Seguro | BA

A terra indígena da Reserva Pataxó da Jaqueira foi criada pelo decreto nº 1775/1996 e homologada em decreto de junho de 1998, publicado no *Diário Oficial da União* em 10 de julho de 1998, com uma extensão de 827 hectares de pura mata atlântica, está localizada no município de Porto Seguro. O turismo na aldeia é gerenciado pelo Instituto Pataxó de Etnoturismo, que desenvolve trabalhos de fortalecimento da cultura Pataxó, preservação ambiental, social e sustentabilidade pelo turismo comunitário em terras indígenas (etnoturismo). A apresentação do awê do povo Pataxó será executada por indígenas da Reserva da Jaqueira, em Porto Seguro, extremo sul da Bahia. Onde praticam rituais na língua Patxohã, que foi sendo resgatada para celebrações como o batismo, o casamento, os rituais da aruanda, da chuva, da Lua, da colheita e o awê, que é uma dança que faz parte de um ritual sagrado em que se integram homens e mulheres. Durante o Sonora Brasil, os Pataxós representarão, por meio de suas músicas e seus gestos, os processos de guerras e conquistas. O awê ou heruê, para os Pataxós, representa força, união, alegria, espiritualidade e acima de tudo conquista. A dança e o canto Pataxó buscam a harmonia do canto dos pássaros, o barulho das águas, o movimento das nuvens, o silêncio das pedras, o ruído dos ventos, o calor do Sol e a pureza da Lua. O canto e a dança são responsáveis por unir pessoas. O awê é um ritual sagrado, cântico coletivo vocalizado, com letras, que usa instrumentos de sopro junto à percussão. Quando se fala em cantar e dançar o awê, pensa-se em entrar em harmonia com o ambiente e com o sagrado. O grupo é formado por **Jocimar (Siratã Pataxó, cacique da aldeia)**, **Dharana Pataxó**, **Vítor (Suhyasun Pataxó)**, **Renata (Txahã Pataxó)**, **Nilcélia (Nayara Pataxó)**, **Ludmila (Hêxina Pataxó)**, **Cosme (Tawá Pataxó)**, **Josimar (Makayaba Pataxó)**.

Produzido pelo Sesc Bahia



Povo Tremembé de Almofala

Almofala | CE

Ao longo da colonização, os Tremembés foram aldeados tanto no Maranhão como no Ceará, muitas vezes convivendo e se fundindo a outras etnias também divididas por religiosos. No Ceará, vivem nos municípios de Itarema, Acaraú e Itapipoca. Em Almofala teria sido o antigo aldeamento, onde fica a chamada “Terra da Santa” ou “Terra do Aldeamento”, que afirmam ter sido concedida aos indígenas no passado. Os Tremembés de Almofala mantêm tradicionalmente o Torem, ritual sagrado dançado em círculo de mãos dadas, com o pajé e o cacique ao centro, com canto de músicas na antiga língua Tremembé, que já não é falada entre eles e se mantém viva por meio do ritual, sendo o elemento da cultura Tremembé que mais resistiu ao processo de colonização.

Produzido pelo Sesc Ceará

Fotos: Iago Soares



Povos Potiguara | Aldeia Forte

Baia da Traição | PB

Foto: Ascom PB



Povo guerreiro, da terra de Acajutibiró, os Potiguaras constituem um grande exemplo de luta entre os povos indígenas no Nordeste brasileiro. Sua história de contato com a sociedade não indígena remonta ao início da colonização. Hoje, procuram manter o vigor de sua identidade étnica por meio do aprendizado da língua Tupi-Guarani, do complexo ritual do Toré, da circulação da vida nas festas comemorativas, na produção dos idiomas simbólicos do sangue e da terra e na produção cultural dentro da prática do turismo étnico. Nos dias atuais, os Potiguaras habitam o Nordeste do Brasil, na Paraíba, junto aos limites dos municípios de rio Tinto, Marcação e Baia da Tradição. Atualmente, são o único povo indígena oficialmente reconhecido no nordeste da Paraíba. A praia de Baía da Traição é visitada por turistas de todo o Brasil e mantém uma gastronomia de frutos do mar.

Produzido pelo Sesc Paraíba

www.sesc.com.br



sesc
CNC senac

